

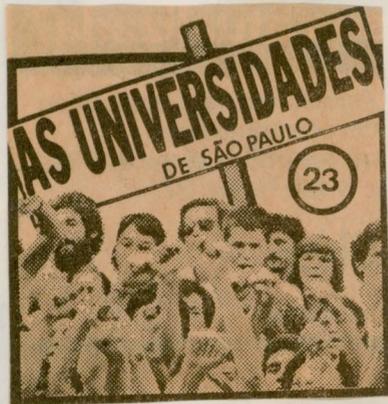
MARCOVITCH, Jacques. Mais recursos para o futuro do ensino.
O Estado de São Paulo, São Paulo, 25 out., 1984.

Mais recursos para o futuro do ensino

Numa economia com uma inflação anual superior a 200%, a universidade só será capaz de sobreviver como instituição de ensino, pesquisa e serviços à comunidade se conseguir recursos externos para socorrer um orçamento cada ano mais pobre. Esta é a tese do profes-

sor Jacques Marcovitch, diretor da Faculdade de Economia e Administração da Universidade de São Paulo, onde já existem fundações trabalhando com esta filosofia para a formação de docentes e a realização de pesquisas, estudos e projetos que não seriam possíveis sem o auxílio

de financiamentos de fora. Como, de qualquer maneira, os recursos são escassos, ele recomenda cuidado na distribuição das verbas disponíveis, a partir da discussão sobre as prioridades. "Na obtenção e distribuição de recursos, tanto a nível da universidade, como a nível de cada faculdade ou instituto — observa Marcovitch —, o ensino e a pesquisa devem ser colocados no centro do processo de decisão". Isso significa, em sua opinião, que o dinheiro precisa atender aos grandes desafios da sociedade.



JACQUES MARCOVITCH

Numa terça-feira qualquer, o professor Ricardo Machado iniciara sua aula. Retroprojektor, tela, transparências e microcomputadores estavam a postos. Seus alunos, que incluíam estudantes latino-americanos e africanos, já haviam preparado suas leituras. Após breve exposição, inicia-se um caloroso debate. Os alunos participam, observando claramente a importância do tema para sua formação humana e profissional. Terminada a parte conceitual, o professor Machado inicia a parte prática. Senta-se diante do "microcomputador de coordenação" e os alunos ocupam os microcomputadores da rede instalada na sala de aula. Feita a chamada do programa, o professor Ricardo digita os dados. Os alunos em seus monitores acompanham o exercício. Esclarecidas as dúvidas, os alunos permanecem na sala para mais algumas aplicações. Aqueles que não terminarem até o final da aula levarão seus disquetes e continuarão o exercício em seus próprios equipamentos, compatíveis com aquele da universidade.

A aula acabou...

O prof. Machado deixa a sala de aula na certeza de que a motivação de seus alunos os levará ao término do exercício. A noite, seus alunos participarão de um programa comunitário de alfabetização no qual os universitários têm uma participação ativa. Dirige-se para a sua sala de estudos, onde encontra a secretária que divide com outros professores. Ela lhe entrega a correspondência do dia e informa que o prof. Lambert, da Bélgica, acabou de ligar para comunicar que está indo para um congresso em Cali e que poderia passar por São Paulo. O prof. Machado se entusiasma com a idéia. Será uma oportunidade para debater seu relatório de pesquisa recém-concluído e organizar um seminário para seus alunos de pós-graduação. O prof. Lambert, com ampla experiência internacional, é um pesquisador respeitado. Sem demora, ele obtém do sr. Maurício, assistente-técnico de seu instituto, as diárias para o pagamento da estadia do professor visitante. Pede a ligação internacional e convida o prof. Lambert que também se entusiasma com o programa de atividades proposto.

Respondida a correspondência do dia, ele inicia a redação do terceiro capítulo do livro que deve terminar até o final do ano. No processador de texto ele vai teclando as letras, deixando para a máquina a garantia da estética dos parágrafos que nunca foi o seu forte.

Num momento de reflexão, ele se lembra da reunião da tarde do "Conselho de Estratégia" de seu Instituto.

Delicia-se com a idéia do encontro com seus colegas. Sabia que seria uma reunião estimulante, desprovida de assuntos de rotina. As decisões rotineiras estavam a cargo do pessoal administrativo, funcionários responsáveis, motivados e bem remunerados. Ao prof. Machado e seus colegas restavam decisões de cunho estratégico. Da gaveta ele retira a agenda contendo os itens para a discussão da tarde: (1) qual é a missão e os objetivos do Instituto? (2) quais são as principais metas para os próximos três anos? (3) qual tem sido a "performance" dos egressos dos anos de 1973 a 1983? (4) qual tem sido a qualidade e o impacto das pesquisas concluídas? (5) qual tem sido a relevância das atividades de extensão universitária empreendidas? (6) quais as diretrizes a serem adotadas para a obtenção e distribuição dos recursos financeiros do Instituto? (7) como garantir maiores disponibilidades para as novas linhas de pesquisa?

A estratégia

O prof. Machado resolveu pensar nos itens da agenda. Ele sabia que ao término da reunião novos caminhos seriam traçados. Membros da comunidade externa ao Instituto foram convidados para trazerem suas opiniões, entre eles, alguns de seus ex-alunos. Pensou nas realizações de seu departamento e anotou seus aspectos positivos e suas deficiências. Pensou nos itens da agenda e fez suas anotações. Consultou a súmula da última reunião de "diretrizes estratégicas" realizada no ano passado. Ele observou que algumas diretrizes deveriam ser mantidas. Terminadas suas anotações, ele estava pronto para apresentar seu ponto-de-vista e influir no destino de seu Instituto. Ricardo pensou em seus alunos, em sua pesquisa, em seus colegas do exterior, na sua contribuição para a consolidação do ensino no seu campo de conhecimento. Estava satisfeito. Pensou em sua família, a quem estava conseguindo garantir uma vida e um futuro seguros e ficou contente. Lembrou a relevante contribuição que seu departamento, seu instituto e sua universidade têm dado à sociedade. Era um professor universitário realizado, com atraentes desafios a enfrentar.

Utopia ou realidade?

A terça-feira do prof. Ricardo Machado é o cenário que a maioria dos professores das universidades de São Paulo tem em sua mente. O sonho de pertencer a uma universidade dinâmica, inovadora, sintonizada com as necessidades de seu meio. Uma universidade que cultive a reflexão, a busca da verdade, a sinceridade intelectual e o espírito crítico.

Uma universidade que define seus próprios caminhos, à luz do futuro e com base na experiência do passado e presente. Uma universidade que acompanha a evolução do conhecimento mundial e que contribui para seu avanço. Uma universidade que coloca o homem como meio e fim de sua missão.

Na realidade, os fatos revelam que o sonho do prof. Machado é distante, mas que sua concretização é possível. Já existem nas universidades paulistas "ilhas de excelência" que têm conseguido aproximar-se deste sonho. São grupos de pesquisadores e docentes que alcançaram projeção internacional através da qualidade de suas pesquisas e do espírito empreendedor de seus integrantes. No bojo deste esforço, a formação de bons alunos floresce. Nos seus cinquenta anos de existência, a USP conseguiu constituir inúmeras "ilhas de excelência" que ajudaram a sua própria consolidação, assim

como a criação de outras potencialidades no Brasil e em outros países em desenvolvimento.

No entanto, o número dessas "ilhas" é limitado. Elas existem em função de modelos que se caracterizam pelo rigor acadêmico desenvolvido no País ou influenciado por exemplos trazidos do Exterior. Esses modelos são adotados por professores dotados de uma atitude empreendedora que facilita a obtenção de recursos externos à Universidade. Esses recursos, obtidos junto a agências como a Fapesp, Finep, STI, Fipep etc., viabilizam tais projetos à luz das prioridades resultantes da negociação com seus financiadores. O crescimento dos recursos alocados a essas fontes foi sendo acompanhado por uma drástica contração de recursos orçamentários que atingiu as universidades, afetando a manutenção de competências já consolidadas e inibindo o grau de adaptabilidade empreendedora que deve caracterizar uma organização universitária. Readquirindo a postura empreendedora que caracterizou, por exemplo, a fundação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1934, a Universidade voltará a dessemcumbir-se plenamente de sua missão de desenvolver e promover a cultura por meio do ensino e da pesquisa.

A realidade

Numa economia caracterizada por uma inflação de 200%, a negociação entre a Universidade e o Estado para a obtenção de recursos se prolonga durante o ano inteiro. A elaboração do orçamento, instrumento de planejamento anual, é um ritual que, apesar de seguido, não garante as necessidades de recursos, exigindo vários ciclos de entendimentos que inibem a autonomia universitária.

Nos últimos dez anos, os recursos alocados às três universidades paulistas têm diminuído. Esta diminuição se dá de duas formas. De um lado, através da correção do orçamento abaixo dos índices de inflação e, de outro, na medida em que o orçamento da Universidade não acompanha o crescimento do Estado como agente econômico. A preocupante diminuição da participação das universidades nos recursos do Tesouro do Estado é agravada pelo fato de esse Tesouro representar não mais de 1/3 dos recursos que o Estado gerencia. Os remanescentes 2/3 são administrados através das empresas públicas do Estado.

Outro aspecto desta questão refere-se à distribuição dos recursos entre as três universidades do Estado de São Paulo. No período de 75/83, a USP foi aquela que mais arcou com a contração dos investimentos públicos no ensino superior. Com isto, a manutenção de algumas competências consolidadas foram afetadas. Se a USP tivesse seu orçamento de 1974 corrigido de forma realista, ela teria hoje 20% de recursos a mais no seu orçamento, o que teria aliviado inúmeros problemas que a universidade enfrenta. Dessa realidade, é possível deduzir o sacrifício realizado por professores e funcionários, com graves reflexos no comportamento do corpo docente. Como uma universidade pode manter-se com menos 20% dos recursos que lhe eram alocados há 10 anos, numa sociedade que cresceu e que espera cada vez mais de sua universidade?



MARCOVITCH, Jacques. Mais recursos para o futuro do ensino. O Estado de São Paulo, São Paulo, 25 out., 1984.

Contração dos recursos

Como os gastos das universidades são muito rígidos, cabe analisar como se dá esta contração. Ela se traduz, de um lado, através de reajustes salariais abaixo dos níveis da correção monetária e, de outro, através da redução das "outras despesas correntes", isto é as despesas de manutenção. No caso da USP, o primeiro quadro revela que em 1976 para cada Cr\$ 100 do orçamento, Cr\$ 13,8 correspondem às despesas da manutenção e Cr\$ 86,2 gastos com pessoal. Esta relação diminui para 8,2/91,8 em 1979 e esteve em 10,3/89,7 em 1983. Com isto, é freqüente encontrar o docente/pesquisador sem acesso a recursos didáticos e de pesquisa que lhe possam garantir os meios necessários para sua atividade e, assim, o professor universitário afasta-se dos sonhos de vanguarda no ensino e da pesquisa.

Em certos campos da pesquisa, as "ilhas de excelência" obtiveram das fontes financiadoras recursos que cobriram de forma seletiva o apoio à pesquisa. Esta situação afetou a pesquisa realizada nas áreas básicas e, conseqüentemente, as atividades de ensino a elas relacionadas. O segundo quadro revela, de forma diferente, esta problemática. Neste quadro observa-se que de cada Cr\$ 100 destinados em 1976 ao item "Pessoal", a USP só possui em 1983 Cr\$ 78,5, enquanto a redução para as "Outras Despesas Correntes" foi de Cr\$ 100 para Cr\$ 56,3 em valores corrigidos. Com base em indícios preliminares, esta tendência está-se revertendo a partir de 1984, o que tem motivado os professores, mas as Universidades estão ainda longe da recuperação do terreno perdido.

O futuro

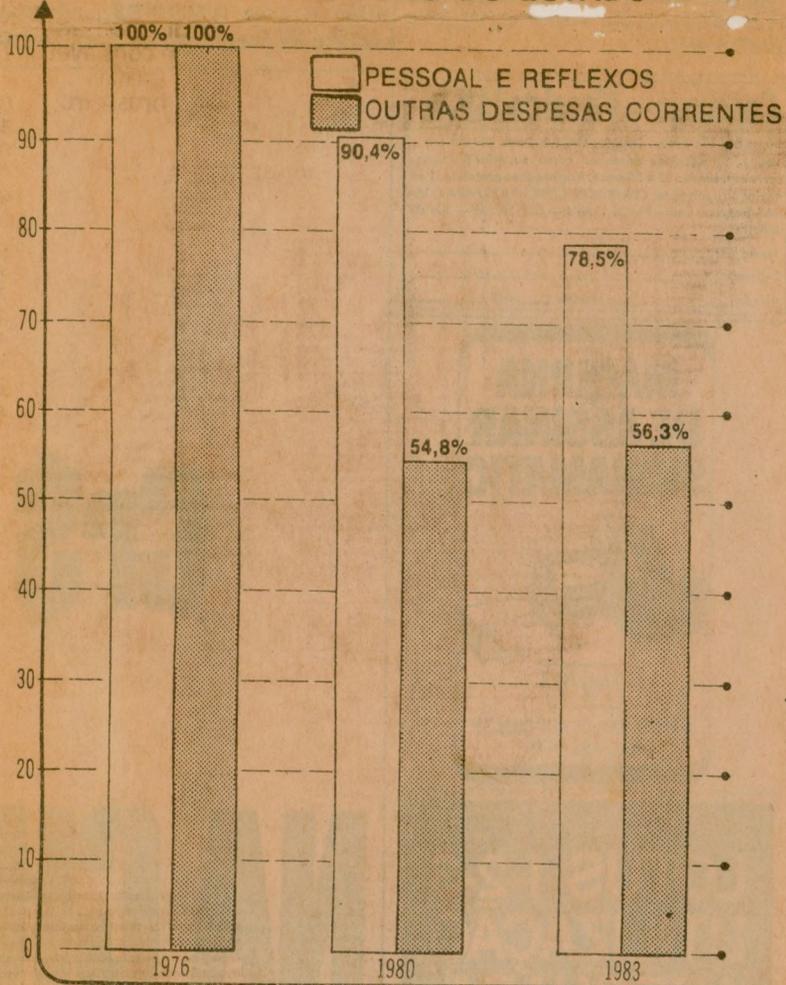
Ao longo dos anos, a contração de recursos provocou uma rigidez na distribuição de recursos. Ela passou a ser feita unicamente em função de

parâmetros do passado em vez dos desafios do futuro. A distribuição de recursos numa Universidade deve refletir seu projeto de futuro decidido com base na experiência acumulada no seu passado. Para isto uma ampla discussão sobre prioridades deve ser empreendida. As universidades devem reencontrar sua capacidade de investimentos na busca de novas fronteiras. Elas devem investir para responder às necessidades de médio e longo prazos da sociedade brasileira. Elas devem mobilizar recursos humanos para equacionar os grandes desafios da sociedade. São inúmeros esses desafios nas áreas de saúde, educação, transporte, desenvolvimento agrícola e industrial, que interdisciplinarmente devem ser abordados e equacionados.

Na obtenção e distribuição de recursos, tanto a nível da Universidade como a nível de cada Faculdade ou Instituto, o ensino e a pesquisa devem ser colocados no centro do processo de decisão. Somente assim os recursos escassos serão destinados ao avanço do conhecimento e preparação de pessoas aptas ao exercício da investigação, do magistério e de atividades profissionais.

Com o apoio da sociedade e do Estado, as universidades devem encontrar a trilha das mudanças evolutivas. A atualização do orçamento das Universidades, a descentralização da decisão referente à distribuição dos recursos orçamentários, a escolha de prioridades amplamente aceitas, os investimentos na busca de novas fronteiras, devem elevar a eficácia da Universidade. Com isto, a "terça-feira do prof. Ricardo Machado" tornar-se-á a realidade do professor universitário. Um professor a serviço da busca da verdade, do avanço do conhecimento e da formação de recursos humanos. Um professor a serviço do futuro da Universidade e da sociedade brasileira. Mas, para isto, o ensino deve voltar a ser uma das principais prioridades do Estado.

PARTICIPAÇÃO DAS DESPESAS CORRENTES DA USP NO TESOURO DO ESTADO



FONTE: RELATÓRIO DE EXECUÇÃO ORÇAMENTÁRIA/USP

DESPESAS CORRENTES DA USP CUSTEADAS COM RECURSOS DO ESTADO - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL - 1976/83

Material de consumo, serviços de terceiros e outras despesas correntes.

Pessoal

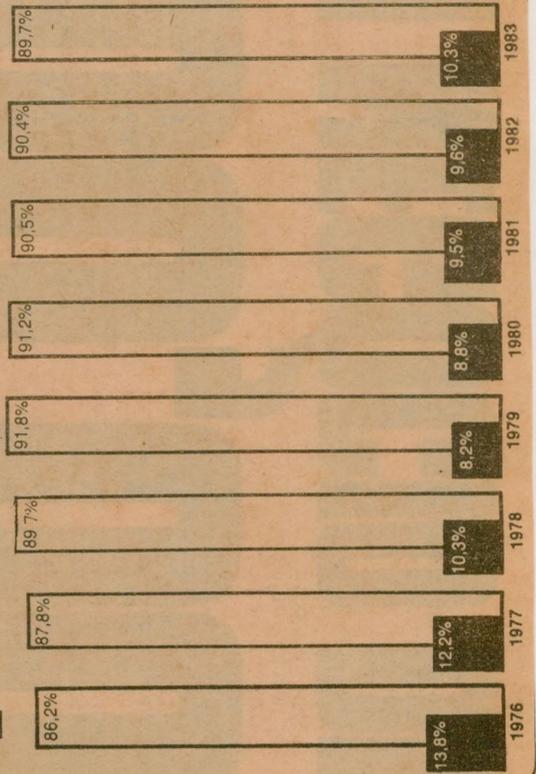


Foto Benedito Salgado

Universidade de São Paulo: perdendo recursos desde 76